

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. *A escritura e a voz*. Salvador: EGBA: Fundação das Artes, 1990. 84 p.

A SENHORA E A VOZ

Sílvio Oliveira¹

Era uma vez uma senhora de belas e sinceras lições. Viajou muito, trabalhou bastante, encantou-se, reconheceu-se e foi feliz. Antes de continuar a história, é preciso dizer que vivemos um tempo de graves melancolias e dissidências subjetivas, apressadas e supérfluas. Um tempo em que a voz e as escrituras devem caber em dez, quinze minutos, quiçá, de audiências inquietas e ansiosas por suas próprias falas.

A senhora citada, Doralice F. Xavier Alcoforado, minha paciente professora, conseguiu inscrever a sua voz nesse contexto de ouvidos desatentos. Com calma, vagar e docilidade. A aparência meiga, confirmada em alma, sabia expressar toda a determinação e resistência, inclusive ideológica, de sua personalidade. Tão contrária à aflição presente, instaurava a paz. Sem dúvida, paz também científica. Escritura e voz?

Considero o livro **A escritura e a voz**, publicado pela primeira vez em 1990 pela Editora Gráfica da Bahia e a outrora Fundação das Artes (hoje Fundação Cultural do Estado da Bahia), resultado de dissertação defendida no Instituto de Letras da Ufba em 1984, o maior e melhor exemplo de aguda inteligência e simplicidade. Não vão exageros. O texto que se desenrola em pouco mais de 70 páginas revela mais que a matéria popular em Guimarães Rosa. Desculpe-me este, mas foi excelente pretexto para o desenrolar de uma leitura teórica capaz de dizer em duas palavras o que outros não conseguiram em inúmeras outras palavras e páginas.

As relações entre o erudito e o popular, as semelhanças e as diferenças entre os gêneros, as questões ideológicas, a intertextualidade, as intencionalidades e, principalmente, as funções e a estrutura dos contos populares.

¹ Professor de Literatura da Universidade do Estado da Bahia, Mestre em Estudos Literários (UFBA), Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP). Integrou o Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, sob a Orientação da Profª. Doralice Alcoforado. sroliveira@uneb.br.

No conjunto de teóricos que se debruçaram sobre a questão da estrutura do conto popular, podemos admirar ou estar atentos a produções vivazes, como as de Vladimir Propp, Stith Thompson, Câmara Cascudo e outros que passaram pelas periferias desses estudos.

A meu ver, não enxergo nessas obras nem em outras, no que diz respeito à apreciação descritiva da estrutura, nenhum resultado que alcance a profunda simplicidade do texto de Doralice Alcoforado.

Por exemplo, ao salientar as cinco funções primordiais do conto de encantamento, ela simplificou entendimentos que se embaralhavam nas leituras pretéritas tradutoras de variadas e infinitas funções. Seriam cinco as mais importantes: *partida do herói, tarefa difícil, ajuda de elementos mágicos, reconhecimento e final feliz*. Funções “indispensáveis à articulação da narrativa dos contos de encantamento”. Há uma dívida intelectual muito grande em torno dessa percepção. Sem exageros repito: o texto não nos apresenta algo novo, mas nos reapresenta algo antigo em meio à eficiente novidade.

Ao enumerar cinco funções destacadas dentre as inúmeras possíveis, o texto facilitou considerações e interpretações de outros pesquisadores. A sua oportuna republicação será comemorada também por professores. Não podemos esquecer que o livro **A escritura e a voz** tem sido bastante consultado por docentes interessados nos processos de “inclusão” de temas marginalizados. Ele sublinhou materialmente um processo de valorização da cultura popular reencaminhado nas academias brasileiras a partir dos anos setenta, que culminou também com a criação de disciplinas relacionadas ao estudo da literatura oral. A autora do livro é uma das responsáveis pela implementação desses estudos nas universidades baianas.

Basicamente, afora *introdução e conclusão*, o livro se divide em três capítulos:

- 1 *Fluxo e refluxo na ação comunicativa do gênero*
- 2 *A natureza do conto popular*
- 3 *O jogo da semelhança e da diferença*

O primeiro capítulo, subdividido em cinco partes, trata de questões gerais, que foram mais delineadas nos capítulos seguintes: pontua o gênero enquanto discurso, o ideológico como uma dimensão do gênero, a função do popular, a intertextualidade como um processo realimentador e acentua o movimento de fluxo e refluxo entre o popular e o erudito.

O segundo capítulo, subdivido em quatro partes, enfoca a estrutura dos contos de *encantamento*, *exemplo* e *de animais*, o maravilhoso como uma categoria estrutural, a intencionalidade desses contos e o funcionamento da produção e recepção nesses contextos.

O terceiro capítulo opera com a noção de jogo, antecipando, ao menos na seara baiana, noções a respeito de *semelhança* e *diferença*, conceitos, digamos, reinventados pelos estudos culturais. Subdivido em duas partes, reflete sobre as tematizações e teorizações realizadas pela percepção *erudita* acerca do *popular*.

Acredito que a preocupação social avulte dos estudos de Doralice Alcoforado sempre de maneira aguda, ainda que não superficialmente explicitada. O leitor atento às pistas perceberá que a valorização se dá integralmente pela propalada “quebra de fronteiras” contemporânea. Observe-se o que a autora afirma na *Introdução*:

Nesse contexto, cultura é um processo social de produção determinado pelo sistema econômico. O econômico e o social, constituindo-se uma totalidade indissolúvel, estimulam o processo de representações, de reprodução e de reelaboração simbólica das condições concretas de existência, como também das expectativas de vida, enformadas pela imaginação.

O produto cultural, resultante dessa relação, interiorizado pelos indivíduos, gera hábitos e práticas caracterizadores de um modo de vida que se opõe aos valores da cultura hegemônica, em uma interação conflituosa que reflete as desigualdades. Esse modo de vida cria instrumentos funcionais para a sua existência que traduzem a presença de uma lógica e de um sentido na sua organização social.

O livro nos informava (e continua informando) sobre a importância e presença da cultura popular, não nas ruas e nas casas do Brasil esquecido, mas a cultura popular como uma impressão das memórias, litorâneas e interioranas, urbanas e rurais, femininas e masculinas, ricas e pobres, acadêmicas e cotidianas. Essas linhas divisórias creio que foram questionadas pelo texto de Doralice Alcoforado, que sempre duvidou dos escalonamentos clássicos (no que diz respeito à concepção canônica de literatura, mas também às teorias consagradas sobre a cultura popular).

Ao analisar os cruzamentos entre o erudito e o popular a partir da obra de Guimarães Rosa (notadamente o Rosa de “uma estória de amor”), a autora conseguiu atingir a sua talvez intenção maior: mostrar a riqueza especialmente da oralidade, assumindo, enquanto estudiosa das narrativas brasileiras, a justa integração dessa forma à história literária, que sempre privilegiou o escrito. O título mesmo insinua já esta intenção. É bom dizer que o título não deve passar aos estudiosos de hoje como uma juvenil homenagem aos estudos de Paul

Zumthor, que ainda estava sendo traduzido ao português em sua **A Letra e a Voz: a literatura medieval**. Este aditivo anunciado, escritura e voz, para se fazer justiça, deveria ter inserido imediatamente o texto nas proposições reavaliadoras da modernidade, afinal o uso da adição altera substancialmente o que se poderia propor com a alternância. Escrita e voz.

Assim, “a força renovadora da tradição oral”, defendida pela autora, renova-se em si mesma e na trocas constantes com as escrituras, elas todas, expressões orais e escritas, símbolos de uma força muito festejada em todos os capítulos do livro: a imaginação.